



# Da variação entre -RA e -RO à homonímia na terceira pessoa do plural dos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito simples

Márluce Coan<sup>1</sup>

---

## RESUMO:

Nesta pesquisa, demonstramos que atual homonímia na terceira pessoa do plural dos pretéritos perfeito simples e mais-que-perfeito simples decorre de um processo de variação e multifuncionalidade das formas -ra e -ro em dados do Galego-Português. Dessa guisa, caracterizamos a atual homonímia como um processo de mudança encaixada, considerando-se movimentos correlativos em perspectiva semântica e fonológica. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos quatro tipos de prosa: literária, histórica, religiosa e jurídica, cujos dados foram quantificados e triangulados, para verificação de tendências de uso por gênero textual, do que decorre a constatação de um processo de variação que conduz ao estreitamento paradigmático.

---

## PALAVRA-CHAVE:

Pretérito perfeito simples;  
Pretérito mais-que-perfeito simples;  
Homonímia;  
Variação.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará; Coordenadora do Projeto Línguas & Histórias; Pesquisadora do grupo SOCIOLIN-CE e Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2. E-mail: [coanmalu@ufc.br](mailto:coanmalu@ufc.br) ORCID: 0000-0001-7809-8624.

## 1 Introdução: da problemática à proposta

Em análises históricas, difíceis decisões sobre os dados precisam ser tomadas por quem não pode exercer julgamento como membro da comunidade, pois uma comunidade de fala “é mais bem definida como um grupo que partilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 1972, p. 158).<sup>2</sup> Em viés sincrônico atual, todos nós exercemos com muita propriedade essa tarefa, por sermos membros de comunidades linguísticas, portanto, com aval para julgar/validar/questionar um dado como representativo de um grupo ou de uma comunidade. À medida que nos afastamos temporalmente, os dados parecem opacos e, em geral, buscamos em renomados autores tal aval. Ocorre que, por vezes, não podemos obter aval para tudo que encontramos ou desejamos pesquisar, pois muitos ainda são os fenômenos que não foram explorados. Em se tratando do Galego-Português, período que nos interessa aqui, de acordo com Lorenzo (1975, p. 157), “faltam estudos sistemáticos dos textos e documentos arcaicos que possam nos dar uma visão real dos feitos” (das peculiaridades linguísticas)<sup>3</sup>, o que confere considerável significação analítica a investimentos dessa natureza.

Esses primeiros aportes servem para instaurar o problema de pesquisa que exploramos neste artigo, qual seja: a codificação homônima da terceira pessoa do plural dos pretéritos perfeito simples e mais-que-perfeito simples é, de fato, um fenômeno decorrente de um processo de variação das formas *-ra* e *-ro* para codificação de ambos os tempos na fase histórica do Galego-Português?

Ao considerarmos a literatura sobre os usos verbais de outrora, deparamo-nos com observações bastante específicas sobre codificação da terceira pessoa do plural (doravante P6, conforme terminologia proposta por Matoso Camara, 2001). “Partirõ” e “rroubarã”, no dado que segue, ilustram, respectivamente, o pretérito perfeito simples (com codificação de P6 por *-ro*) e o pretérito mais-que-perfeito simples (codificação modo-temporal feita por *-ra*) no período em tela, o do Galego-Português.

(01) *Et os rreys outrossí PARTIRÕ ben per suas masnadas os grãdes tesouros que RROUBARÃ, et dérõlles tã grandes dões et ataes per que senpre forõ rricos et auõdados.*  
[Crônica Troiana, cap. 7, p. 227]

<sup>2</sup> No original: “...is best defined as a group who share the same norms in regard to language.”<sup>[1]</sup>

<sup>3</sup> No original: “(...) falta un estudio sistemático de los textos y documentos arcaicos, que podría darnos una visión real de los hechos...”

Ocorre, no entanto, variação entre tais formas, ou seja, por vezes, há a forma em –ro, como em “contaron” no exemplo (02), mas o tempo em voga é um passado do passado. Outras vezes, há no verbo a forma –ra, como em “ou[u]eran”, em (03), mas trata-se de um passado simples ao tempo de fala.

(02) *Et pois que se foron achegando et se conosçeron hüus et os outros et souberon o feito en como acaesçera, alegráronse moyto et fóronse para súa terra et afirmou aquilo que os outros del CONTARON et amostrou os sinaes que tragía das feridas de que morera. Et vío o moyto onrrado santo Ug[o], abade de Clunego, con outros moytos et contoo per moytas vezes em outros moytos lugares. [Milagres de Santiago, cap. 45, p. 116]*

(03) *Et quen deu cõssello que os leixassen basteçer et buscar a ujda, nõ deu bon cõssello, ca eu ben creo que as naues nõ OU[U]ERAN cõtrasta, nõ outro enbargo, qual agora auerán, se elas logo chegarã dereytament aa vila, assy cõmo aportarõ. [Crônica Troiana, cap. 113, p. 306]*

Essa variação, atestada na era medieval, é atribuída ao fato de serem as formas fonologicamente próximas ou é mencionada como erro de copistas. Descartamos, a priori, o fato de estarmos diante de erros de copistas, já que não os podemos julgar, pois não temos parâmetros objetivos para tal avaliação. Circunda essa hipótese uma natureza subjetiva dos fatos. Enveredamo-nos para análises mais objetivas, por isso não descartamos o fato de haver interferências fonológicas, já que a diferença entre as vogais poderia ser sutil, ambas nasalizadas, ambas baixas (uma média-baixa: /o/ e outra baixa: /a/) em sílaba átona final, portanto menos salientes perceptualmente. Mais detalhes sobre esse parâmetro virão à tona, por ocasião da análise dos dados.

Acoplamos à análise fonológica, a correlação forma-função. Para esse quesito, em perspectiva sociofuncionalista, advogamos que a homonímia decorre de multifuncionalidade entre formas e funções, especificamente considerando que a mudança decorreu de um processo de variação entre formas tanto para codificação do pretérito mais-que-perfeito quanto do pretérito perfeito. Dessa guisa, a mudança será tratada como mudança encaixada, já que é desencadeada por níveis articulados. Voltaremos a esse tema na seção destinada ao referencial teórico.

Se advogamos em prol de um fenômeno de mudança encaixada, necessitamos comprovação empírica, por isso sistematizamos dados do período caracterizado com galego-português, considerando-se o morfema –ra, tanto com acepção de passado perfeito, como de passado mais-que-perfeito, e o morfema –ro, também com ambas acepções. Depois desse primeiro passo, concentramo-nos nessa mesma variação, exclusivamente em P6, direcionando-nos a demonstrar que foi a codificação de ambas

as funções (passado perfeito e passado mais-que-perfeito) pelas duas formas em variação o que levou à homonímia em Português. Note-se que ao mesmo tempo em que evidenciamos a variação, também destacamos a multifuncionalidade, já que uma mesma forma servia à codificação de dois tempos verbais, conforme quadro abaixo.

**Quadro 01** – Formas em variação em P6 para codificação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito no Galego-Português

Tempo Verbal	Morfema modo-temporal	Pessoa
Pretérito mais-que-perfeito simples	-ra- -ra- ~ -ro-	1 a 5 6
Pretérito perfeito simples	-Ø- -ro- ~ -ra-	1 a 5 6

Fonte: Autoria própria.

Contextualizada a proposta deste artigo, cumpre mostrar como a sistematização da pesquisa se reflete no texto. Na seção que segue, tecemos algumas considerações sobre o objeto de estudo, ao passo que apresentamos o aporte teórico sociofuncionalista, cujas premissas sobre variação e mudança guiam o percurso analítico. Logo após, há uma seção dedicada à metodologia, com especial relevo aos dados e à configuração do exercício analítico de triangulação. Por fim, chega-se à seção analítica em que mapeamos a correlação entre forma e função tanto para a expressão do perfeito quanto do mais-que-perfeito; verticalizamos a análise variacionista a P6; investigamos estreitamento paradigmático e triangulamos resultados por gênero textual em prosa: literária, histórica, religiosa e jurídica.

Os resultados tanto quantitativos quanto qualitativos aqui apresentados visam a fornecer provas sobre o comportamento das formas -ra e -ro no período medieval, especificamente em âmbito de P6. Trata-se de estudo cujo objetivo é preencher uma lacuna investigativa mais voltada à descrição sistemática por gênero textual, possibilitando uma visão menos especulativa sobre os feitos históricos.

## 2 O objeto e a teoria

Em percurso do Latim ao Português, observamos que o pretérito mais-que-perfeito (P6) no Latim era -ra(nt), passando a -raM em Português, depois de um

período de variação *-rã ~ -rõ* (na documentação arcaica); paralelamente, a forma *-ru(nt)* do pretérito perfeito latino em P6 passou igualmente a *-raM* em Português, também após um período de variação *entre -rã ~ -rõ*. Atualmente, em Português, verificamos dados como os que seguem, ficando a cargo da relação com o ponto de referência a devida interpretação: de passado do passado ou de passado simples anterior ao momento de fala. A forma “fizeram”, em 04, configura-se como um passado do passado em relação a uma referência passada (falou); já “acharam”, em 05, é anterior ao tempo de fala, sendo a forma composta (tinha colado) a que representa o passado do passado. Assim sendo, como atestam os exemplos abaixo, as formas em *-ra*, tanto se localizam antes de um outro tempo passado quanto relativamente apenas ao momento de fala.

(04) ... *ela falou que FIZERAM a reação com o sangue e deu positivo* (FLP 20, L1206) [In: Coan, 1997, p. 15)

(05) *Eles ACHARAM que ele tinha colado na prova, não foi?* (inint) *que realmente, ele não tinha colado.* (FLP 04, L1081) [In: Coan, 1997, p. 117)

Uma incursão ao Galego-Português, mostra-nos formas como “*andaron*”, “*poderon*” e “*voluéron*” caracterizando, no exemplo 06, situações passadas a uma referência então presente, portanto formas de pretérito perfeito simples em P6; já “*vieran*”, “*enbedentaran*” e “*fezeran*”, no mesmo exemplo, ocorrem no pretérito mais-que-perfeito, indicando fatos anteriores a outros passados. Excetua-se à regra, a forma “*pecaron*”, pois é uma forma codificada com *-ro*, portanto no pretérito perfeito simples, mas indica uma situação anterior a “*leixou matar*”, o que a caracteriza como passado do passado. Esse é um dos casos nos quais nos concentramos, ou seja, a forma está no pretérito perfeito simples, mas a significação é de passado anterior a outro passado.

(06) *Et entón os mouros ANDARON depós eles et nonnos PODERON achar, et VOLUÉRONse húa légoa contra onde VIERAN. Et agora deujemy preguntar por que Nostro Señor leixou matar os que non PECARON con as mouras nen se ENBEBEDENTARAN con aqueles que o FEZERAN.* [Milagres de Santiago, cap. 23, p. 82]

Se a forma em *-ro* podia indicar um passado do passado, como no exemplo 06 acima, poder-se-ia, por vezes, encontrar a forma em *-ra* não como um “*pluscuamperfecto*”, mas com valor de perfeito (SZERTIES, 1967 *apud* XOVE, 1977),

como ilustramos em (07). Na literatura do final do século XVIII e dos românticos, perdura tal uso, como uma espécie de restauração de usos mais antigos (XOVE, 1977).

(07) *Et en jazendo así // Rrulán enno prado sóbrela erua, av`ja tan gran sede que mayor non podía, et non podía auer ágoa. Et entõ CHEGARA ja Baldou`i et el FEZERA sinal que lle buscasse agoa, et Baldou`i buscou, andando de h`uu cabo et do outro, et nõ na pode achar... (Milagres de Santiago, cap. 23, p. 85)*

As terminações inicialmente distintas para o perfeito e para o mais-que-perfeito começam a variar desde o século XIII, conforme Maia (1986), embora mais intensamente a partir do século XIV. A autora observa que as grafias alternantes nesse período poderiam indicar vacilação como um reflexo de mudanças na pronúncia ou indicar que já havia uma única pronúncia para duas terminações distintas em ditongo nasal /ãw/. Lorenzo (1988) observa ainda que a falta de nitidez na distinção dos valores do *perfecto* (*cantaron*) e do *pluscuamperfecto* (*cantaran*) pode ter conduzido à flutuação entre as terminações. Depreendem-se dessas observações dois argumentos, um em nível fonológico; outro em nível semântico.

Em perspectiva semântica, Klein-Andreu (1991) argumenta que esse uso do –ra como um passado anterior ao momento de fala e não como um passado do passado implica perda de assertividade, funcionando como estratégia pragmática de distanciamento do falante em relação ao conteúdo proposicional. Alinha-se a esse argumento a consideração de Fleischman (1982), para quem a distância temporal é usada para expressar distância modal, no sentido de sinalizar o *status* de menor certeza da asserção, ou seja, uma forma prototipicamente mais distante (a do mais-que-perfeito) é usada em lugar do perfeito (tempo mais próximo) para marcar que o falante se distancia conceptualmente da situação, embora seja tal situação temporalmente próxima ao momento de fala. Cremos que em P6, em virtude da homonímia, foi ganhando saliência a noção temporal propriamente dita em detrimento da estratégia modal de outrora. Dessa guisa, ao depararmo-nos, atualmente, com uma forma em –ra em P6, aludimos primeiramente à interpretação temporal, buscando um ponto de referência para identificar o uso como um passado do passado ou como um passado simples anterior ao momento de fala.

Em procedimento holístico de análise de formas (-ro / -ra) e funções (passado anterior ao momento de fala e passado do passado), apoiamo-nos em premissas sociofuncionalistas, pois tratamos de variação –ra/-ro para uma mesma função, o que remete à perspectiva variacionista clássica; por outro viés, uma mesma forma, somente –ra, por exemplo, serve a duas funções, o que implica uma perspectiva analítica funcionalista. Estamos, portanto, dos dois lados, o que requer uma opção

teórica articulada. Se o pressuposto básico para a constituição de um Sociofuncionalismo, de acordo com Tavares (2003), é considerar algum traço funcional e algo da Sociolinguística, enveredamo-nos nessa direção, por tratar de duas formas para uma função e, articuladamente, de duas funções para uma forma.

Em se tratando da mudança, premissa cara à Sociolinguística e ao Funcionalismo, destaca-se, entretanto, em nossa pesquisa, a perspectiva proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968): nem toda variabilidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve, obrigatoriamente, variabilidade. A opção por considerar mudança em perspectiva sociolinguística não inviabiliza o viés teórico sociofuncionalista, já que outros pressupostos foram considerados articuladamente. Como focalizamos a homonímia como consequência de variação, parece-nos uma aposta mais acertada, metodologicamente, a perspectiva de Weinreich, Labov e Herzog (1968), cientes, entretanto, de que a variação, conforme Castilho (1997, p. 55), “é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada da mudança linguística”. Isso pode ser entendido como um contínuo de tensão e equilíbrio, já que a estabilidade no sistema, configurada pela homonímia (-ra tanto para P6 do pretérito perfeito quanto do pretérito mais-que-perfeito simples), não implica a inexistência de novos processos variáveis.

O sistema em evolução, conforme Labov (2010), reflete uma série de reajustes anteriores: um deles é o caso da variação entre o mais-que-perfeito simples e o composto. Pós variação -ra/-ro para P6, a vitória de -ra indicaria estabilização do sistema após momento de tensão (competição entre duas formas). Ocorre que uma nova forma já entra na competição para a codificação do mais-que-perfeito, *haver/ter* no imperfeito mais participio passado neutro, como ilustramos em (o8), estrutura que começa a emergir na era medieval. Em (o8), “*havia feyto*” não contém participio no plural: mesmo fazendo referência a “*mal*” e a “*dano*”, não ocorre a forma “*feytos*”; igualmente, em “*aujã tomado*”, o participio refere-se à “*desonrra*” e nem por isso ocorre “*tomada*”. Por outro lado, encontram-se muitíssimos casos em concordância, como em “*auja feyta*”, em que o participio se refere à palavra “*gaãça*”, mantendo-se, portanto, a marca de concordância no feminino/singular.

(o8) *Desy começarõ a tirar suas naos pera alto mar et singlarõ o mays toste que poderõ. Et Pares foy moy ledõ de quanto mal et de quanto dano aquela uez AUJA FEYT[O] a gregos, et pagousse tãto que mays nõ podería da grã gaãça que AUJA FEYTA et da desonrra que del AUJÃ TOMADO et dos presos que leuauã. Mays agora me semella que começarõ grã loucura. (Crônica Troiana, cap. 44, p. 257)*

Acoplamos, outrossim, a noção de encaixamento à perspectiva de mudança ora esboçada. Não se trata somente do uso de uma nova forma para uma velha função, mas de mudanças em paralelo, envolvendo os níveis fonológico e semântico, portanto o fenômeno sob análise caracteriza-se como um tipo de mudança encaixada na perspectiva de Tarallo (1994): (i) /o/ encaminha-se à produção /a/, tendo em vista a nasalização vocálica, o fato de /o/ ser vogal média baixa, próxima à vogal baixa /a/, e a articulação a uma semivogal, como em: /kã'tarãw/ e /kã'tarõw/; (ii) semanticamente, ambos os morfemas (-ra/-ro) servem tanto ao passado do passado quanto ao passado simples.

Motivações e frequência são dois outros quesitos caros a essa correlação teórica sociofuncionalista. Todas as considerações teóricas e ilustrações, até o momento apresentadas, já poderiam configurar-se em provas materializadas, mas o faremos complementarmente por análise de frequência, provas pelas quais, segundo Lass (1980), a ciência se interessa. Agregamos à análise qualitativa, observações quantitativas, cuja relevância é destacada, também, por autores como Labov (1978), Fox (2007), Bybee (2007) e Guy e Zilles (2007), considerando especialmente, o papel da frequência na implementação da mudança e, portanto, para explicações sobre mudança linguística.

Acrescentamos, outrossim, à análise quantitativa o procedimento de triangulação (na acepção de Denzin e Lincoln, 2005), que consiste em verificar tendências para constatar repetição de usos e validar resultados. Faremos isso por análise de quatro gêneros textuais: se as mesmas tendências são verificadas nos quatro, teríamos uma prova tanto de variação de formas para a mesma função, quanto em relação a uma mesma forma codificar duas funções. Cremos, como os autores, que tal procedimento conferirá mais profundidade à pesquisa. Como nossa triangulação o será por frequência, eis mais um quesito compatível a ambas teorias de base do Sociofuncionalismo, já que é inegável o papel da frequência nos estudos variacionistas e funcionalistas, relevância que pode ser verificada nas inúmeras publicações das duas áreas nos últimos tempos.

No que tange às motivações, além do gênero textual, investigamos pessoa discursiva. Este é um grupo que poderia, à primeira vista, parecer questionável, já que que nosso foco está em P6. Outro questionamento que pode advir de nossa escolha refere-se à investigação de apenas dois grupos de fatores, o que não implica limitação, mas direcionamento teórico, conforme explicitamos a seguir.

Optamos por tratar de gênero para validar o procedimento da triangulação, explicitado anteriormente. Ademais, se uma forma ou função é saliente em um dos gêneros, pode ser que seja ou uma particularidade do construto textual ou ganhe valor estilístico, o que pode ter valor motivacional para a fixação da forma ou, inversamente,



se for opaca, pode ser sinal de sua obsolescência. Ademais, como explicitaremos por ocasião da análise, qualquer investimento em análise textual requer aplicação de filtros, pois há várias formas que não se aplicam às funções investigadas, como ocorre com o uso de *-ra* que, além de contemplar as funções aqui destacadas, presta-se, também na era medieval, à codificação de outras funções. Coan (2020) evidenciou, na prosa medieval, seis valores (passado do passado, passado sequencial, passado cotemporal, passado conjuntivo, passado condicional e passado volitivo); na lírica profana, considerando-se os valores modais do *-ra*, quatro usos foram detectados por Coan (2021), quais sejam: passado conjuntivo, passado condicional, passado volitivo e passado anterior ao momento de fala.

Em relação à pessoa, nosso interesse investigativo parte de evidências atuais sobre o desuso do mais-que-perfeito simples, cujas razões, segundo Brocardo (2010), estariam assentadas em dois movimentos: o sincretismo da terceira pessoa do plural do mais-que-perfeito e do perfeito em Português e a competição com a forma composta, esta mais relevante de acordo com a autora. Parece-nos que o sincretismo decorre de um estreitamento paradigmático, na acepção de Lehmann (1995 [1982]), por isso todo o paradigma pessoal estará sob análise. Consideramos que limitações de uso do *-ra* em determinadas pessoas do pretérito mais-que-perfeito, aliadas à emergência da forma composta para tal função, deixaram margem a que *-ra* se fixasse em P6 do pretérito perfeito, visto que as formas eram fonologicamente próximas. Ademais, dados os zeros mórficos para codificação de P1 a P5 do pretérito perfeito simples (conforme Mattoso Camara, 2001), P6 era a única pessoa com morfema modo-temporal explícito (*-ro*): começaram as formas *-ra* e *-ro* a intercambiar funções; por fim, do intercâmbio de formas, a mais produtiva (*-ra*, que outrora operava de P1 a P6 na era medieval) estabeleceu-se no sistema do perfeito (que só possuía *-ro* para P6).

Feitas as escolhas teóricas para explicação do fenômeno em pauta: (multi)funcionalidade e variação (via correlação entre formas e funções); papel da frequência na mudança (via triangulação de dados) e motivações textuais e morfológicas (via análise de gêneros textuais e de estreitamento paradigmático), tecemos, a seguir, considerações sobre a escolha e recolhida dos dados.

### 3 Procedimentos metodológicos

Nosso corpus base de investigação provém do Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega – TMILG. Embora seja um corpus disponível para busca *on line*, nossa coleta ocorreu *in loco*, já que a busca informatizada, por vezes, recorta contextos

imprescindíveis à interpretação temporal das formas sob análise. O ponto de referência para a correta interpretação da significação verbal, por vezes, está distante, do que decorre a necessidade de contextos bem maiores do que os fornecidos pelo programa de busca. Além disso, devido à oscilação gráfica no período medieval, formas em –ra (rã/ran/ram), por exemplo, podem indicar várias funções referentes ao eixo passado como podem se referir ao eixo futuro, porque, muitas vezes, não há marca diferencial entre passado e futuro, como ocorre, segundo Coan (2021, p. 144), no dado abaixo, proveniente de cantiga medieval. Trata-se de situação prospectada, assim –ra não recobre um antepretérito.

(09) *E poila vir, se poder ssy guardar | de lh' aviir com' end' a min aven, | ben terrey eu que ESCAPARA en; | mays d' ùa ren ei ora gram pavor: | des que a vir, este conselhador | de non poder min nen ssy conselhar.* (Martin Soarez)

Consideramos, portanto, mais oportuna, empiricamente, a busca nos próprios textos, os quais, além de fornecerem pistas para a correta interpretação das formas, permitem-nos um exercício de empatia: “Pero por outra banda non abonda con distanciarse, cómpre conseguir unha certa empatía co texto e co autor, para interpretalo á luz do seu marco, penetrar o seu mesmo punto de vista, descubrir os filtros culturais e ideolóxicos que lle son propios.” (MONTEAGUDO, 1999, p. 16).

Para esta pesquisa em particular, partimos de um texto de prosa religiosa – *Milagres de Santiago* [1390-1420] (LORENZO, 2004), contendo (64 folios); texto de grande importância, conforme Lorenzo (2000), por traduzir o *Codex Calistinus* ou *liber Sancti Jacobi*, um manuscrito do século XII sobre propaganda dos milagres, escrito pelo papa Calixto II.

Ao considerarmos os textos de outros gêneros para triangulação, reduzimos a quantidade de capítulos, para não ocorrer desequilíbrio textual. Tratamos, portanto, da primeira parte da *Crônica Troiana* [1370-1373] (LORENZO, 1985), até o fólho 100 – 239 capítulos, cuja tradução ao Galego-Português foi feita por Fernán Martíz por ordem do conde Pérez de Andrade; na segunda parte, não considerada aqui, entrevistaram outros escribas. Também, incluímos a *Crônica Geral e Crônica de Castela* [1295-1312] (LORENZO, 1975), tradução da versão de 1289 da *Estoria de España* de Afonso X, da qual consideramos os fólhos de 1 a 88 – 176 capítulos, correspondentes à primeira das três partes.

Incluímos, outrossim, uma quantidade considerável de textos de prosa jurídica, pois o corpus disponibilizava apenas fragmentos. Visando, como dito acima, ao equilíbrio textual, analisamos:

- a) Flores de Direito (fragmento) [1290-1350], Foro Real (fragmento) [1290-1350] e Terceira Partida (A) (fragmento) [1300-1320] (PENSADO, 1974/1975);
- b) Foro Xuzgo (fragmento) [1200-1230] (LÓPEZ, 1975 [1895]);
- c) Glosas de textos legais (fragmento) [1301-1350], Ordenamento de Alcalá de Henares (fragmento) [1348-1350], Primeira Partida [1301-1340] e Terceira Partida (C) (fragmento) [1325-1375] (ASKINS et al., 1997);
- d) Quarta Partida (A) [1300-1350] (AVENOZA, 1995);
- e) Outras Partidas de Afonso X: <sup>1375</sup>Terceira Partida (B) (fragmento) [1300-1350]; <sup>1375</sup>Quarta Partida (B) (fragmento) [1275-1300]; <sup>1375</sup>Quarta Partida (C) (fragmento) [1380-1420]; Quinta Partida (fragmento) [1375-1410]; <sup>1375</sup>Sétima Partida (fragmento) [1350-1400] (OVIEDO, 1901).

A análise histórica, mesmo que possa ser fragmentária, ainda assim, conforme Maia (1986), é preciosa para conhecermos mais sobre os dialetos da Idade Média. Muitas especulações surgem, mas a sistematização por gênero, como aqui propomos, permite considerações mais palpáveis, embora nem sempre definitivas acerca de usos em estágios anteriores, principalmente, na era medieval.

#### 4 Análise: intercâmbio entre –ra/-ro nas funções de passado do passado e passado simples

Embora o conjunto de dados com os morfemas modo-temporais –ra e –ro seja considerável nos textos, esperávamos poucos dados para análise, o que pode ser conferido nas subseções que seguem. Isso decorre das restrições impostas à verticalização da pesquisa, já que nos interessam apenas os casos em que –ra e –ro servem variavelmente a duas funções. Consideramos, portanto, em viés funcionalista, uma forma que serve a duas funções ou, em perspectiva variacionista, duas formas (-ra e -ro) que competem para a codificação de uma mesma função, conforme diagramamos no quadro abaixo:

**Quadro 02** - Correlação função – formas em P6

Função	Formas de codificação em P6
Passado do passado	ra ~ ro (prototipicamente –ra, mas varia com –ro)
Passado simples	ro ~ ra (prototipicamente –ro, mas varia com –ra)

Fonte: Autoria própria

Em vez de justificar a homonímia em P6 por confusão gráfica ou erros de copistas, preferimos, neste artigo, uma linha argumentativa pautada na correlação função-forma. Para tratarmos dos dados de P6, houve, primeiramente, coleta de dados das formas sob análise em todas as pessoas (de P1 a P6), tanto do pretérito mais-que-perfeito simples como forma de codificação de um passado simples (em vez de sua codificação prototípica de passado do passado) como do pretérito perfeito simples com acepção de passado do passado (em vez de sua atuação prototípica como passado simples), para comprovar que essas formas, por vezes, intercambiavam-se, o que pode ter sido o primeiro passo para a mudança. Note-se que priorizamos, aqui, duas funções, embora a forma em –ra sirva a muitas outras funções na era medieval, tanto temporais como modais, conforme expusemos no referencial teórico. Por razões didáticas, separamos as análises em duas subseções, cada qual dedicada a uma das funções codificadas variavelmente por –ra e por –ro.

#### 4.1 O caso de –ra em lugar em –ro na codificação do passado simples

Filtrando de todos os usos de –ra somente aqueles em que essa forma serve à codificação de um passado simples, como o faz o pretérito perfeito, passam pelo crivo somente 27 dados, como o ilustrado em (10), em que O[U]ERAN codifica uma situação passada, anterior a “creo”, ocorrendo, portanto, relativamente ao momento da enunciação e não, como seria o esperado, em anterioridade a outra situação passada.

(10) *Et quen deu cõssello que os leixassen basteçer et buscar a uida, nõ deu bon cõssello, ca eu ben creo que as naues nõ OU[U]ERAN cõtrasta, nõ outro enbargo, qual agora auerán, se elas logo chegarã dereytament aa vila, assy cõmo aportarõ. [Crônica Troiana, cap. 113, p. 306]*

O uso de uma forma prototípica de mais-que-perfeito (com –ra) para codificar uma situação frequentemente codificada pelo pretérito perfeito (com –ro), pode sinalizar distanciamento da situação, como observado na literatura linguística sobre o tema (FLEISCHMAN (1982); KLEIN-ANDREU (1991); FIORIN, 1996; COAN, 2003; CUNHA e CINTRA, 2008 e COAN, LIMA E SAMPAIO, 2019). Disso decorre que antecede à implementação da homonímia um período em que o uso de uma forma de mais-que-perfeito em lugar do perfeito era motivado por diferença modal, especificamente diferença em termos de atitude do falante/escritor em relação à situação, como ocorre no emprego de “ouuera”, ao mencionar, via forma em –ra, uma situação anterior a “creo”.

Para reforçar o exposto, citamos um outro caso no qual o mais-que-perfeito (OUUERA) se relaciona a outras formas no futuro (“leixaremos” e “tor[n]aremos”). Pode-se aludir, novamente, ao distanciamento pelo locutor do fato em pauta: Gonçaluo Gostez teve um filho com uma moura a quem amou quando esta lhe servia na prisão, informação essa constante em trecho anterior da crônica, como mostramos nos excertos que seguem.

(11) *Desy mädou a hũa moura filla dalgo que o gua[r]dase et o seruisse et llj desse o que ouuesse mester. Et assy auëo que a poucos dias que, dom Gonçaluo iazendo en aquella priiö et aquela moura seruïdoo, ouuerö d' entender en sy et amarësse hüu a outro, de maneyra que dö Gonçaluo ouu[o] a fazer hüu fillo en ela, a que chamarö depoy Mudarra Gonçaluez. [Crônica Geral, Capítulo 113, p. 186]*

[...]

*Agora leixaremos aqui de falar desta razö et tor[n]aremos a contar de Mudarra Gonçaluez, fillo de Gonçaluo Gostez, o que OUUERA da moura de Cordoua assy co~mo dissemos. [Crônica Geral, capítulo 125, p.212]*

A limitação às terceiras pessoas corrobora essa perspectiva modal, como demonstra a tabela 01. Chamamos atenção ao fato de que esse uso do –ra em lugar de –ro ocorre em poucos dados em P6, mas sua concentração está nas terceiras pessoas, o que pode ter contribuído à emergência da homonímia, já que foi a forma do pretérito perfeito que passou a ser em –ra em P6, tendo em vista que o valor do perfeito já era observado com uso de –ra. O mesmo não ocorre em P3 do pretérito perfeito, cujo morfema é zero, como explicamos na descrição do objeto desta pesquisa (cant-e-Ø-i; cant-a-Ø-ste; cant-o-Ø-u; cant-a-Ø-mos; cant-a-Ø-stes e cant-a-ra-m).

Se olharmos somente para o paradigma do pretérito perfeito, P6 conteria efetivamente a forma marcada, já que as demais contêm morfema zero para a categoria modo-temporal. De acordo com Givón (1990, 1995, 2001), o princípio da marcação pode ser verificado por três critérios, sendo um deles a distribuição de frequência (a categoria marcada tende a ser menos frequente e, cognitivamente, mais saliente do que a não marcada). Os outros dois critérios são a complexidade estrutural (a estrutura marcada tende a ser maior) e a complexidade cognitiva (a estrutura marcada demanda mais atenção, esforço mental e tempo de processamento).

Nossa alusão à marcação refere-se a um reflexo da variação e da multifuncionalidade das formas, já que –ra, além de ser forma para todas as pessoas do pretérito mais-que-perfeito (inclusive em P5, que hoje tem –re em virtude da perda

do -d do morfema número-pessoal<sup>4</sup>), suplantou a outra e passou a ser usada nos dois casos; por ser mais frequente que -ro, -ra era a forma menos marcada da competição.

**Tabela 01** - Uso de -ra em lugar de -ro para codificação do passado simples por gênero e por pessoa gramatical

<i>Gênero textual</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>Distribuição por pessoa gramatical</i>
Prosa histórica	06	05 em P3 01 em P6
Prosa jurídica	10	10 em P3
Prosa literária	06	05 em P3 01 em P6
Prosa religiosa	05	04 em P3 01 em P6
<i>Total</i>	27	

Fonte: Autoria própria.

Independentemente de haver poucos dados, indícios decorrentes de pesquisa sistemática em dados de outros tempos têm valor empírico, especialmente pelos filtros aplicados. Considerando-se o procedimento da triangulação (na acepção de Denzin e Lincoln, 2005), verificamos tendências similares nos vários gêneros analisados, escritos por diferentes autores em diferentes circunstâncias. Como nem sempre é possível uma imersão textual em todos os textos remanescentes de uma época, o procedimento de triangulação emerge como uma estratégia para validação dos dados, estritamente, no caso em tela, visa a demonstrar variação forma-função em um mesmo período. A empatia aos textos da época sob análise é um primeiro aporte que nos autoriza a dizer que tal dado ou tal construção é ou não do período; embora basilar, é uma etapa subjetiva. A triangulação, por outro lado, é uma etapa analítica objetiva, permitindo-nos constatar como o fenômeno permeia os textos e onde/quando o faz.

#### 4.2 O viés reverso: o caso de -ro em lugar em -ra na função de passado do passado

Outro contributo à homonímia foi o uso do pretérito perfeito simples com acepção de passado do passado, inversamente ao exposto anteriormente, pois, no

<sup>4</sup> O alomorfe -re do pretérito mais-que-perfeito simples decorre do seguinte processo de mudança: (i) apagamento do -d- intervocálico (cantárades > cantáraes); (ii) assimilação vocálica (cantáraes > cantárees) e (iii) ditongação (cantárees > cantáreis).

caso que ora se apresenta, a função é de antepretérito (passado do passado), prototipicamente codificada por –ra, mas, por vezes, ocorre com –ro, como ilustramos em (12) abaixo.

(12) *Et alg̃uus diz̃e que foy a enfermidade da (da) menaçõ que os tomou a todos, de guisa que nõ escaparõ ende senõ muy poucos que contassem as nouas en sua terra, et da caualgada que elles FEZERÕ contra Galiza et das gaãças que SACARÕ da terra do apostolo Sanctiago. (Crônica Geral, cap. 119, p. 202)*

Igualmente ao que expusemos para os resultados em 4.1, há usos de –ro em lugar de –ra nos quatro tipos de prosa considerados (conforme tabela 02), o que é mais um indício de que não lidamos com casos isolados ou possíveis erros, mas com formas variáveis em uma ou outra função, totalizando 104 ocorrências de –ro em lugar de –ra. Destaca-se maior utilização na prosa literária, talvez a menos formal, se comparada aos outros tipos. Independentemente de haver mais ou menos dados aqui ou acolá, o que nos interessa, em perspectiva triangulada, é a constatação das mesmas tendências.

**Tabela 02** - Uso de –ro em lugar de –ra na codificação do passado do passado por gênero e por pessoa gramatical

<i>Gênero textual</i>	<i>Número de ocorrências<sup>5</sup></i>	<i>Distribuição por pessoa gramatical</i>
Prosa histórica	22	10 em P3 12 em P6
Prosa jurídica	18	11 em P3 01 em P4 06 em P6
Prosa literária	43	14 em P3 03 em P5 26 em P6
Prosa religiosa	21	02 em P1 02 em P2 07 em P3 10 em P6

<sup>5</sup> Excluimos dessa contagem os casos de pretérito anterior, construção com *haver/ter* no pretérito perfeito mais particípio, paradigma que teve sua vitalidade entre o final do século XII até meados do século XVI, conforme atesta Silveira Bueno (1955).<sup>[1][2]</sup>

Total	104	
-------	-----	--

Fonte: Autoria própria.

Convém destacar que, no processo de mudança, a forma passa a ter menos variabilidade paradigmática (LEHMANN (1995 [1982])), o que é evidente em nossos resultados, que mostram direcionamento de uso para as terceiras pessoas. Resultados de outras pesquisas, como a de Coan, Lima e Sampaio (2019), com dados do Português do Brasil, têm também evidenciado, estatisticamente, a terceira pessoa como condicionamento da forma simples do pretérito mais-que-perfeito em sincronias mais recentes (1944-1956 e 2000-2012).

## 5 Considerações finais

Do exposto, caracterizamos a neutralização (homonímia) em P6 como resultado de um processo de mudança encaixada: (i) pela atuação de uma regra fonológica de assimilação vocálica (de traço da vogal baixa) e, principalmente, (ii) pela oscilação das formas para codificação de uma mesma função, levando à falta de nitidez entre os valores expressos por uma ou outra forma. Pode-se acrescer a isso, a atuação do princípio da marcação pela saliência do morfema *-ra*, presente em todas as pessoas do pretérito mais-que-perfeito, diferentemente de *-ro*, restrito à P6 do pretérito perfeito simples.

Mostramos casos do morfema *-ro* com acepção de passado do passado bem como do morfema *-ra* com acepção de passado simples, anterior ao momento de fala, evidenciando variação e multifuncionalidade em dados do Galego-Português. Observa-se, contudo, que os dois tempos convergiram a uma mesma forma em Português (*-ra/m*), mas não em Galego, em que as formas *-ra* e *-ro* foram mantidas, respectivamente, para o pretérito mais-que-perfeito simples e para o pretérito perfeito simples.

O que aqui expomos contribui para a constatação de Lichtenberk (1991, p.38): “as gramáticas são um fenômeno histórico, produtos de desenvolvimentos históricos”. Trata-se de pesquisa que não se encerra em si mesma; abre caminhos teórico-metodológicos a outras investigações históricas que visem à sistematização de fatos linguísticos.

## Referências

ASKINS, A. L-F.; AVENOZA, G.; DIAS, A. F.; PÉREZ PASCUAL, J. I.; SHARRER, H. Novos fragmentos de textos xurídicos galegos (s. XIV). *Revista de Literatura Medieval IX*, p. 33-39, 1997.



AVENOZA, G. Atopáronse uns pergamiños... O redescubrimento duns fragmentos en galego das Partidas. **Romance Philology XLIX**, v.2, p. 125-128, 1995.

BROCARD, M. T. Portuguese pluperfect: elements for a diachronic approach. **Estudos Linguísticos / Linguistic Studies**, Lisboa, v. 5. p.117-130, 2010.

BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CAMARA, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CASTILHO, A. T. A gramaticalização. **Cadernos de Estudos Linguísticos e Literários** 19, p. 25-64, 1997.

COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito**. 1997. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

COAN, M. **As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

COAN, M. Funções do pretérito mais-que-perfeito simples em textos literários, históricos e religiosos do galego-português. **Studia Romanica et Anglica Zagrabiensia**, v. 65, p. 231-237, 2020.

COAN, M. Valores modais do morfema -ra na lírica profana galego-portuguesa. **Working Papers Em Linguística (ONLINE)**, v. 22, p. 137-156, 2021.

COAN, M.; LIMA, E. V.; SAMPAIO, M. F. Um retrato do pretérito mais-que-perfeito de 1887 a 2012. **D.E.L.T.A.**, 35-2, p.1-26, 2019.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª. edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 2005.

FIORIN, J. L. **As Astúcias da Enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FLEISCHMAN, S. **The future in thought and language**. New York: Cambridge University Press, 1982.

FOX, B. A. Principles shaping grammatical practices: an exploration. **Discourse Studies**, 9, p. 299-318, 2007.

GIVÓN, T. **Syntax - A functional-typological introduction**. V. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1990.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1995.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. V. I-II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

KLEIN-ANDREU, F. Losing ground: A discourse-pragmatic solution to the history of –ra in Spanish. In: FLEISCHMAN, S.; WAUGH, L. (org.). **Discourse Pragmatics**. London: Routledge, 1991, p.164-178.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44, Texas, 1978.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LASS, R. **On explaining language change**. New York: Cambridge, 1980.

LEHMANN, C. **Thought on grammaticalization**. Munich: Lincom Europa (publicado originalmente como *Thought on grammaticalization: a Programatic Sketch*). Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49- Projects, v.1, 1995 [1982].

LICHTENBERK, F. On the Gradualness of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (org.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1991, p. 37-80.

LÓPEZ FERREIRO, A. **Fueros municipales de Santiago y de su tierra**. Madrid: Ediciones Castilla, 1975 [1895].

LORENZO, R. **La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla**. Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario. Tomo I: Introducción, texto anotado e índice onomástico; Tomo II: Glosario. Ourense: I.E.O.P.F., 1975.

LORENZO, R. Gallego y Portugués. Algunas semejanzas y diferencias. In: NAVARRO, J. M.; STUDEMUND, M.; NIEDEREHE, H-J.; HAARMSNN, H. (org.). **Filología y Didáctica Hispánica**. Homenaje al Profesor Hans-Karl Schneider. Hamburg, Romanistik in Geschichte und Gegenwart, Band 1, Helmut Buske Verlag, 1975, p. 155-171.

LORENZO, R. **Crónica troiana. Introducción e texto**. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1985.

LORENZO, R. **Consideracións sobre as vocais nasais e o ditongo –ão en portugués**. Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1988.

LORENZO, R. Prosa Medieval. In: IGLESIAS, F. R. (org.) **Galicia Literatura. Tomo XXX – A idade média** (coordenação de Mercedes Brea). A Coruña: Hércules de Ediciones S. A., 2000, p. 366-429.

LORENZO, R. **Miragres de Santiago**. Valencia: Scriptorium Ediciones Limitadas, 2004.

MAIA, C. A. **História do galego-português**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1986.

MONTEAGUDO, H. **Historia social da lingua galega**. Vigo: Editorial Galaxia, 1999.

OVIEDO ARCE, E. Fragmento de una versión gallega del Código de Las Partidas de Alfonso el Sabio. In: LÓPEZ FERREIRO, A. (org.). **Galia Histórica. Colección diplomática.** Santiago de Compostela: Tipografía Galaica, 1901, p. 116-129.

PENSADO, J. L. Tres fragmentos jurídicos galaicoportugueses. **Cuadernos de Estudios Gallegos**, 29, p. 128-129, 1974/1975.

SILVEIRA BUENO, F. **A Formação histórica da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista.** 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TARALLO, F. **Tempos linguísticos. Itinerário histórico da língua portuguesa.** São Paulo: Ática, 1994.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P.; MACKIED, M. (org.). **Directions for Historical Linguistics.** Austin: University of Texas Press, 1968, p.97-195.

XOVE FERREIRO, X. **A temporalidade verbal nas “cantigas d’escarnho e de mal dizer”.** Santiago de Compostela: Facultade de Filoloxia, 1977.



**CHAMADA  
TEMÁTICA**

---

**Revista  
Diálogos  
(RevDia)**

# From variation between –ra and –ro to homonymy in the third person plural

História/s e historiografia/s de línguas. v. 10, n. 3. set/dez - 2022

# of the simple past and pluperfect

**ABSTRACT:**

In this research, we demonstrate that the current homonymy in the third person plural of the simple past and pluperfect results from a variation process and multifunctionality of the forms –ra and –ro in Galician-Portuguese data. In this way, we characterize the current homonymy as a process of embedded change by semantic and phonological correlative movements. For the development of this research, we considered four types of prose: literary, historical, religious and legal, whose data were quantified and triangulated, to check trends by textual genre, what follows the finding about a variation process that leads to the paradigmatic narrowing.

**KEYWORDS:**

Simple past;  
Pluperfect;  
Homonymy;  
Variation.